ANO 1.º — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO DE 1921 — N.º 196

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3196-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

A DICTADURA DE LISBOA

E' incontestavel que Lisboa, nos ultimos anos, tem exercido uma pesada tirania sobre o resto do país, a qual é de molde a suscitar reparos e objeções, mesmo a pessoas que, como nós, apesar de nascidas nas serras da Beira, muito presam a cidade de colinas e jardins que Ulisses fundou, com toda a prudencia do seu genio undivago.

Contar com a provincia simplesmente para o imposto, o serviço militar e as eleições — eis o que podemos apelidar uma concepção feudalista que briga, portanto, fundamentalmente, com as ideias e principios construtivos dos regimes democraticos. Não pode ser. Não deve ser. Lisboa, como capital do país tem a sua função bem acentuada, nos oito seculos da nossa historia: todas ou quasi todas as iniciativas que nos fizeram grandes partiram dela ou nela encontraram a atmosfera para se efetivarem.

Ultimamente, porem, Lisboa começou a celebrisar-se por uma constante atividade revolucionaria, pouco de harmonia com as suas tradições de ordem e trabalho. E de tal maneira se excedeu no emprego da violencia, para resolver prontamente certos problemas politicos e economicos que acabou por acreditar que esta era a normalidade da sua existencia.

Criaram-se orgãos para amotinar e derrubar homens ou instituições, como outrora se estabeleciam serviços publicos para cuidarem de certos ramos da nossa administração. A provincia, a principio, mostrou-se interessada e atenta, mas, a pouco e pouco, sentiu que emquanto ela produsia, sofria e pagava, Lisboa se entregava a um jogo autonomo de facas e punhais que punha em bastante risco a segurança e a prosperidade do povo.

Surgiu assim o regionalismo como uma aspiração um pouco incerta dos cuidados que a população portuguesa albergava no seu coração.

Fez-se o Congresso Trasmontano, o das Beiras e dos Algarves, com a concorrencia festiva de gente de ideias e planos sensatos, á mistura com varios lunaticos que queriam secundar o seu torrão natal com artigos de revista e dissertações academicas.

Os acontecimentos de Outubro passado impressionaram a provincia como um pesadelo, um luto nacional, um tremendo horror. Lisboa aparecia manchada de sangue—desse sangue que egregios provincianos lhe haviam oferecido, obedecendo á voz das suas ambições e sonhos.

—«Que é isto?»—inquiriram muitos milhares de inquietações, angustiadas, lividas.

A esta pergunta correspondeu uma formidavel decisão. Se Lisboa se esquecia da sua missão, como coordenadora das forças conscientes de Portugal, urgia despertá-la do seu alheamento.

Foi por isso que a passagem dos restos mortais de Antonio Granjo, pelas terras do Norte, provocou algumas imprecações contra a cidade que se esqueceu de que não deve ser o feudo de um grupo, partido ou seita, mas sim o escudo das liberdades nacionais, o clarim heroico de seis milhões de portugueses.

Sciência e consciência...

— Se com êste remédio que vou receitar-lhe sentir algum alívio, não se esqueça de mo dizer porque também sou um martir do reumatismo.

(Do «Rire»)

TRADUZIMOS do jornal parisiense *L'Oeuvre*:

—«Há dias, num café de Versailles, falava-se da revolução portuguesa. Cada um dos presentes emitia a sua opinião:

—Que pensa o senhor, que é português? preguntou um comerciante versalhês a um homem, joven ainda, que não tomara parte na conversação.

—Oh! para lhe dizer a verdade... tudo isso-me deixa indiferente...

E como houvesse quem se admirasse, acrescentou:

—Só me interesso pelos *films* de que eu proprio sou o operador...

E o ex-rei D. Manuel—que ninguem reconhecera—tranquilamente volveu ao seu *chateau* de Bellevue».

Verdade ou *blague?*

* * *

O ENGENHEIRO Larren inventou um formidavel avião de combate, de que já se construiu um ou mais exemplares.

Como se diz que a ideia duma paz geral entre os povos ganha terreno, provavelmente vão utilizá-lo para tal fim.

* * *

O PRESIDENTE da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, sr. Nobre Martins, [illegible] a assinar um [illegible] segundo o qual aquela colectividade seria representada junto do sr. Lisboa de Lima, comissario de Portugal na exposição do Rio de Janeiro, por um socio ultimamente muito discutido nos jornais.

Sabemos que Nobre Martins vai pedir a demissão do cargo que exerce naquele organismo, porque entende, que á escolha do representante da classe devem presidir a maxima ponderação e o maximo escrupulo.

* * *

NO ministerio do interior já sabem distinguir os bons dos maus jornais. Parecendo que não, trata-se de um progresso feito á custa da propria imprensa.

* * *

DIZ-SE que vai ser suprimido o subsidio aos parlamentares. Se esta medida fôr avante, S. Bento ficará aberto ao publico como monumento historico e... nada mais.

* * *

QUE sentido quiz o sr. dr. Lobo Alves dar a esta frase:—«Em Lisboa não ha gente com envergadura moral para governar o país?» —Só ele, que breve deve chegar da trasladação de Antonio Granjo, o pode dizer, visto que seria imprudente interpreta-la á letra. Quando ontem escrevemos o *eco* em que nos referiamos ao sr. dr. Lobo Alves, por quem temos muitissima simpatia, ainda não conheciamos esta discutivel afirmação.

* * *

OS nossos telefones, após dois dias de deliciosa conversa, enfronharam-se de novo num mutismo absoluto.

A' falta de santos a quem nos apegarmos, apelamos para a Anglo-Portuguese, pedindo-lhe que ordene a reparação definitiva dos dois lindos aparelhos que fazem figura de corpo presente nos nossos escritorios.

SEGUNDO o sr. general Gomes da Costa, a ordem depende da questão economica. Não se trata duma suposição, mas dum facto insofismavel. O proprio padre Manuel Bernardes, na *Nova Floresta*, já assim o pensava. Sem pão, não ha possibilidade de haver disciplina nem respeito social. Os poucos ensaios que até hoje se fizeram de ligar a paz com a fome tiveram como resultado os famintos comerem aquela para saciarem esta. Crêmos que é até por causa disto que, em periodos de fome, os povos são mais dificeis de governar e de enganar.

* * *

UM amigo escreve-nos de Zurich, preguntando-nos quem é o sr. Lemões da Meiga, novo ministro dos estrangeiros. Eis o que fizeram do nome do sr. dr. Veiga Simões!

* * *

NA igreja de S. Sebastião da Pedreira ou numa casa proxima dizia-se que grandes conspiradores se reuniam, com o mapa de Portugal diante dos olhos, para estudarem a maneira de implantar outra republica. Foi lá um esquadrão da G. R. e achou alguns pacificos bichos da terra entregues ás suas orações.

E' assim que se demonstram as vantagens da má policia...

* * *

EM Evora rebentaram duas bombas que não causaram estragos nem vitimas. E a unica fórma simpatica de as bombas explodirem — sem estragos nem vitimas. E' por isso que Evora ainda tem alguns monumentos romanos.

* * *

JÁ se fala no alargamento da rêde telefonica a todo o país. Se o serviço fôr feito como actualmente, tudo nos leva a crêr que este progresso se converterá numa fonte de arrelias. E como nós não nos cansamos de praguejar, mesmo sem motivo, calcule-se o que não será, quando os telefones nos fornecerem um pretexto diario para isso!

* * *

AINDA esta semana deve iniciar a sua publicação um jornal da tarde, intitulado *Ideia Nacional*, que fará a politica do actual governo.

* * *

CONSTA-NOS que, numa das primeiras reuniões do senado municipal, será apresentada por um grupo de vereadores, uma proposta para que as ruas do Ouro, da Prata e Augusta, passem a denominar-se, respectivamente, Antonio Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia.

* * *

MORREU a mãe de Carlos Malheiro Dias. Num curtissimo espaço de tempo a morte arrebatou ao ilustre escritor seu pai, sua mãe e um irmão.

O destino prepara por vezes aos mortais dolorosissimas horas de tragedia. Malheiro Dias, que vem a caminho de Portugal a bordo do «Limburgia», ignora talvez ainda as terriveis desgraças que ferirão profundamente a sua afectividade.

Encontrará ao desembarcar em vez de tres ternuras, tres cadaveres queridos.

* * *

DO revolucionario civil Antonio Joaquim de Magalhães recebemos uma carta que publicaremos, num dos proximos dias.

A FORÇA PUBLICA E OS PARTIDOS

"E' necessario destruir completamente a acção politica dentro do Exercito e da Armada"

O sr. Sebastião da Costa, 1.° tenente da marinha, aprova o que dizia a carta escrita por um oficial, que ha tempos foi publicada no "Diario de Lisboa"

Sr. director.—Um amigo de Lisboa, que conhece o timbre e a solidez das minhas ideias, enviou-me hoje, sublinhada, a carta de um oficial anonimo, publicada no *Diario de Lisboa* de 5 do corrente.

Só as justissimas palavras desse meu desconhecido camarada me poderiam forçar a sair da minha voluntaria solidão, e quasi incuravel descrença, para vir a publico.

Sem intuitos alguns pessoais, alheio a todos os interesses que não sejam os interesses sagrados da Patria—como muito bem sabem os que me conhecem o caracter e a historia—venho ainda tentar este ultimo passo, cuidando tão sómente da utilidade que dele pode tirar o meu país.

Releve-me v., e relevem-me os leitores, que antes de entrar propriamente no assunto me apresente e diga que autoridade moral (nesta hora onde poucos se salvam) me assiste para poder falar—com um nome que ninguem conhece—á marinha, ao exercito e ao país.

Republicano desde 1905 (podem atesta-lo os meus camaradas de 5 de outubro), como recentemente disse em carta publica, nunca me filiei em qualquer partido, por entender que um militar *não deve* procurar outros chefes fora da hierarquia militar, nem submeter-se a uma outra disciplina com a qual a militar pode colidir.

«Quem fez o contrario, pode vestir uma farda e receber soldo ou pré, mas não é do exercito *(nem da marinha)*, nem deveria ser mais do exercito.»

Em 5 de outubro de 1910 não estava em Portugal.

Em 30 de Novembro desse ano escrevia, em documento publico, as linhas que seguem:

«A esta repugnante scena assistimos nós ontem, estamos ameaçados hoje e assistiremos quiçá, ámanhã, quando pelos seus cérebros exaltados e fechados ás ideias nobres e á ordem passár qualquer outra ideia absurda, confiados na impunidade que hoje lhes deu um papel firmado por uma autoridade que é colocada no doloroso transe de ver as armas dos seus subordinados apontadas ao peito».

«V. compreende perfeitamente que este estado de cousas não pode continuar, que não foi para isto que nós aspirámos pela Republica, pondo nela a derradeira esperança da regeneração de Portugal, que não foi para assistirmos a scenas ultrajantes desta natureza que os meus heroicos camaradas batalharam pela causa».

Isto é a carroça que matou Curie; é a pedra que esmaga o homem; é a força bruta que domina o cérebro; é tudo quanto há de mais lamentavel na historia:—é a *elite* intelectual dum país orientada e compelida pela força boçal e ignorante.»

«A V., e aos homens publicos do meu país, que o povo tão justamente elegeu com o acto revolucionario, cumpre-me, porém, dizer que foi tambem, para os que pensam como eu, que são muitos, uns profundos e reconhecidos republicanos, outros indiferentes politicos mas patriotas, foi tambem para nós, digo, que se fez a Republica. Foi tambem para conseguir uma maior felicidade, uma melhor administração dos interesses dessa coorte culta do país, que melhor compreensão pode ter de Liberdade e mais fecundo trabalho pode produzir para o bem da Patria; foi tambem para esses que correu o sangue generoso dos herois; foi para uma melhor compreensão da ordem e da disciplina que se batalhou nessas quarenta e oito horas de incerteza e angustia».

«E comtudo eu e aqueles que honestamente desejariamos trabalhar em prol da Patria vemo-nos obrigados a debandar, a ir procurar fora das fronteiras a paz e a honra, dentro de uma sociedade civilizada, deixando atrás de nós o horrivel espectaculo de um país sem ordem, mandado pela ignorancia armada, não voltando a cara para não vêr os pertinazes e valorosos construtores e defensores da Republica envolvidos pela «grande massa cega e surda, enorme, adormecida ainda no goso da terra», ao passo que a parte intelectual do país foge aterrorizada».

Em 5 de outubro de 1912, numa conferencia feita a bordo de um navio de guerra, por ocasião da comemoração do segundo aniversario da Republica, tive ocasião, em frente de alguns camaradas, de proferir estas palavras:

«Dentro da Armada e do Exercito um factor grandemente dissolvente manteve sempre em estado de desorganização completa a familia militar da monarquia.

Esse factor—a politica—é ainda hoje, dentro da Republica, de que tanto esperavamos, uma causa de má compreensão de deveres, de desassossego, de desarmonia.

«Ha em muita gente uma falsa visão das coisas, se não um demasiado cuidado da sua pessoa.»

«O facto insofismavel é que hoje, dentro da Armada e do Exercito, não ha senão republicanos, desde o dia em que oficiais, sargentos e praças juraram defender a nova bandeira.»

«Se traidores houver, a Republica saberá fazer a merecida justiça; mas o que não podemos de modo algum, sem grave prejuizo de ordem militar, é criar dum lado e doutro desconfianças, ódios e vinganças.»

«Ora a divisão partidaria dentro da familia militar, dado o nosso temperamento apaixonado, terá necessariamente este resultado.

«Por isso, desde que soube raciocinar com clareza, trabalhei para a exterminação completa desse virus peçonhento dentro da nossa Armada.

«E' necessario que todos se convençam que para ser bom português, republicano e bom marinheiro não é necessario ter o carimbo de determinada seita politica; antes pelo contrário, necessária se torna uma ampla liberdade de pensamento e de acção para o integral cumprimento dos deveres militares.

«Aqueles que procuram novos chefes fora dos que a hierarquia militar lhes determina, não serão—em geral—para melhor cumprirem os seus deveres militares; mas, bem pelo contrario, para se esquivarem deles, impunemente, para grangearem beneficios a que não têm direito, e que obtêm escudados na influencia do seu partido.»

Noutro documento publico, em 27 de agosto de 1912, tive ocasião de escrever:

«Passo agora, se v. ex.ª mo permite, a analizar aquilo que suponho ser a causa verdadeira, profunda causa, de todos estes graves acontecimentos, sintoma dum contagio geral de anarquia que põe todos os dias a disciplina em cheque e a vida nacional em perigo, como já afirmei em 30 de novembro de 1910».

E' o facto de oficiais, praças e sargentos estarem inscritos em centros politicos, e de haver dentro da familia militar politica de partidos.

«Os graves males que êste estado de coisas cria são bem evidentes a todos os que pensam sincera e desinteressadamente no bem da nossa Pátria, para que eu vá agora aqui desenvolve-los nessa vastidão.

«Simplesmente direi que não pode ser desconhecida de ninguem a anarquia completa a que nos levará o poderem alguns elementos civis pouco escrupulosos dispôr de elementos militares do seu partido ou seita para fins proprios ou ilicitos.

«Está o nosso país num estado tal de indisciplina social que será facil a habilidosos sem dignidade servirem-se da ignorancia ou da aversão infundada dos pequenos para os grandes, dos inferiores para os superiores, para conseguirem propositos, para alcançarem fins a que não podem aspirar com justiça, e que tentam conseguir escudando-se na ignorancia armada.

«Por todos estes factos, sobre os quais me é pedido agora o meu testemunho e a minha opinião, e por muitos outros do meu conhecimento que não vêm a proposito relatar, afirmo a v. ex.ª—sinceramente convencido—que é necessario destruir completamente a acção politica dentro do Exercito e da Armada, e para isso trabalharei incansadamente, por ser minha opinião muito antiga que de outro modo nunca poderemos vir a ter Exercito e Armada capazes de desempenharem o papel que lhes está reservado: assegurar a paz necessaria ao progresso material do nosso país e defende-lo daquele que nos ofender a honra ou atacar os direitos.»

Estas as minhas credenciais.

As infelizmente realizadas previsões que aí ficam creio que poderão abonar a exactidão com que costumo formular juizos.

Posto isto, venho dizer aqui publicamente pondo por baixo o meu nome sem mancha—que a doutrina da carta de um anonimo oficial do exercito, se não exprime completamente o meu pensamento—porque eu iria ainda mais longe—contem um monte de verdades que eu subscrevo com a minha assinatura.

Como eu estou convencido que ha na marinha e no exercito um nucleo enorme de gente sã—que ouso esperar seja a maioria—cujo único crime é estar calada e deixar fazer.

O seu momento de inércia excede a clareza e a força das suas idéas; mas o coração está livre de crime.

E' para essa falange—que ainda pode deter a nacionalidade no horrivel pendor para o abismo—que a ordem (a ordem sem côr, a ordem necessária ao Trabalho e á Justiça *para todos* sem distinção de seita e de casta) deve apelar nêste momento trágico da vida nacional.

Essa é a utilidade que desejo tirar desta minha carta.

A minha vida, toda obra, não me consentiria vir gastar, mesmo uns curtos minutos, com puros verbalismos de exibição.

Ha uma maneira prática de convocar esses ignorados soldados que nunca se apresentaram ao eleitorado e nunca fizeram uma revolução.

Não venho fazer venda de qualquer elixir diverso, na côr atraente e nas virtudes, dos mil e um que os feirantes dêste país de loucos, diariamente oferecem, com palavras mirabolantes, ao indigena que ri e já não compra.

Abra v. no seu interessante jornal (o jornal da «élite» culta) uma votação, como uma salva onde venham deixar os seus cartões de visita todos os oficiais da marinha e do exercito que concordam com a doutrina da carta em questão.

Para que ninguem ignore a existencia dêste plebiscito entre a oficialidade de terra e mar, solicite v. aos jornais de grande tiragem o necessário auxilio para esta obra patriotica.

Assim saberemos até onde vai a coragem de uns e a cobardia de outros.

Aceitaremos tambem os que fizerem acto de contrição das suas antigas faltas (e podem ser muitos) e jurarem não mais volver á desgraçada senda da vida politica.

(Se a força armada se tivesse conservado até hoje alheia ás mesquinhas lutas partidárias, que grande exemplo tinha dado, que enorme força moral ela representaria, que bela garantia de ordem e tranquilidade!)

Que esta nossa publica manifestação seja como um juramento soléne, deante do país, de nos mantermos de óra-ávante dentro do exacto cumprimento do nosso dever.

Veremos quem fica escondido em casa pòr comodismo, ou qualquer outro ismo.

Se esta carta fôr publicada não alimento a ilusão de supôr que este gesto encerra em si a virtude potentissima de salvar *tudo isto;* creio sim firmemente que esta é uma das condições especiais de *vida nova;* e, como militar, curo daquilo que a nós militares cumpre fazer nesta «balburdia sangrenta» de vaidades, loucuras e crimes.

Que cada qual cuide igualmente do seu dever.

Que não fale um oficial anónimo—ainda que puro e ilustre—por todos; fale cada um por sua voz clara e corajosa.

Tem a palavra a marinha e o exercito.

Não quererá a força armada, cujo nobre fim é a defeza da Patria, cumprir o seu sagrado dever?!

Nunca Ela apelou mais aflita para o heroismo e lialdade dos seus filhos.

Agradecendo a publicação desta minha carta, subscrevo-me de v. etc., (a) *Sebastião da Costa,* (1.° tenente de marinha).—Faro, 17 de novembro de 1921.

THE MAGESTIC
RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A e 15-B
LISBOA
TELEFONE N-229 TELEGRAMAS ALGODÃO
Ampla garage para recolha de carros.
Venda de gasolina, oleos e acessorios.
Oficinas providas das melhores maquinas. Pessoal tecnico competèntissimo em todo o genero de reparações.
FABRICAÇÃO ESMERADA DE CARROSSERIES
Fornecem-se orçamentos gratis

COLISEU DOS RECREIOS
Todas as noites espectáculos
: : : alegres e variados : : :

Mario Machado
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
CHIADO, 74, 1.°—Tel. C. 4186

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

LITERATURA INGLESA

A PEÇA "POR AMOR DO REI"

Obra inédita do grande escritor Oscar Wilde

O autor desejava vêl-a representar "numa noite em que o ceu é como uma folha de violeta e as estrelas parecem olhos de mulher"

Para iniciar a segunda epoca do seu talento, Lucilia Simões escolheu *Uma mulher sem importancia*, de Oscar Wilde, reatando assim a interessante galeria das suas figuras estrangeiras.

Não me compete fazer a critica da peça, nem registar os efeitos do longo afastamento da actriz, que tão vincadamente marcou na *Blanchette*, nas *Fogueiras de São João*, na *Magda*, na *Casa em ordem*.

Saudando a reaparecida, deixarei a peça de Wilde e a sua interprete, para revelar ao publico português um entrecho inedito do autor da *Salomé*, só agora divulgado em Inglaterra; na lenta Inglaterra, que tem levado tanto tempo a convencer-se dos altos meritos do prisioneiro de Reading,

* * *

Que Oscar Wilde, *dandy* da arte, foi dos homens mais originais que têm pautado a vida pelo espirito, só o nega, hoje em dia, o mais bafiento puritanismo.

Que a sua vida e a sua obra se confundem e integram num mesmo ideal de arte requintada, a que um paradoxal sabor decadente dá picante e tragedia, tambem me parece evidente.

Martir da elegancia espiritual, tudo quanto a Wilde diz respeito, quer como inventor de um credo esteticovital, quer como vitima da sua excessiva estesia e do conflito entre o seu parisianismo e o absurdo anglicano, não pode deixar de merecer atenção, embora o valor do caso ou do documento não seja dos mais notaveis.

Compreendeu-o assim o *Hutchinsan's Magazine*, publicando, num dos seus ultimos numeros, um trabalho de Oscar Wilde que ainda não figurava no indice dos seus *Completed Works*.

E' uma peça, melhor dizendo, o esboço ou scenario de uma peça fantastica, verdadeiro conto oriental, intitulada *Por amor do rei*.

A obrasinha, ciumentamente guardada pela possuidora, foi delineada para servir de brinde a uma amiga de infancia do autor, a senhora Mabel Cosgrove, e tem o seu lugar marcado no wildiano volume da *Casa das Romãs*.

Muito relacionada com a familia Wilde, Mabel Cosgrove esteve noiva de Willie Wilde, irmão do poeta, mas veio a casar com um sobrinho do rei de Burmá, Chan Toon, a quem acompanhou para a India.

Foi na India que, em 1894, teve a surpresa de receber, pelo Natal, o delicado presente, acompanhado de uma carta em que o autor declarava ter escrito esse conto de fadas para simples passatempo da pessoa a quem o remetia e o dava como resultado das «longas e luminosas conversas com vosso distinto esposo, no tempo e á beira da agua, naqueles dias em que eu meditava escrever uma novela tão bela e intrincada como um tapete de orações persa».

Nessa mesma carta, cheia de interesse, Wilde apetecia, para o *Por amor do rei*, «vê-lo representado na vossa casa de campo, numa dessas noites em que o ceu é como uma folha de violeta e as estrelas parecem olhos de mulher».

Anunciava ainda estar ás voltas com uma nova comedia e ter encontrado uma «personagem perfeitamente admiravel» na pessoa de um «barão sueco, francês de maneiras, ateniense pelo espirito e oriental na moral», cujo convivio era uma serie de revelações.

OSCAR WILDE

Orgulhosa da oferta invulgar, a senhora Mabel Cosgrove, tambem escritora, não consentiu durante muito tempo em partilhar com o publico o praser da sua leitura. Só ultimamente, depois de perder na guerra o segundo marido, anuiu em deixar imprimir o conto scenico de Wilde, que, apenas indicado, nada vem acrescentar ou diminuir á sua gloria.

Por amor do rei é a história dum amor do rei de Burmá, Meng Reng, «senhor de mil elefantes brancos, inúmeras umbrelas e outros atributos de grandeza», e Shah Mah Phru, «uma rapariga, meio italiana, meio burmânica, de ofuscante formosura».

Wilde traçou essas poucas páginas num momento tranquilo, em que o amor da esposa lhe sorria. A pequena obra é um hino, constelado de orientais riquezas, ao amor das mulheres. No final da carta citada o escritor dizia «estar mergulhando o rosto no perfume das nenúfares».

Tem três actos a peçasinha, mas o seu texto, de simples apontamentos, é quási todo descritivo, sendo raras as passagens dialogadas.

O casamento do principe com a filha do rei de Ceilão está ajustado para daí a dois anos. É durante êsse tempo que êle, incógnito e feliz, ama, em pleno sertão, a linda Mah Phru, a perseguida, ignorante da majestade dos beijos que a fecundam.

Um dia, o amado parte, sem ela saber que para a côrte e para o noivado. Espera-o fielmente, namoradamente, como sempre, durante sete anos, ao cabo dos quais o rei, que enviuvou sem sucessão, manda buscar os dois filhos que Mah Phru lhe deu.

Só então se informa de quem era o seu amado, a cujas ordens todos se curvam.

Levam-lhe as crianças, e a mãe, desgostosa, recorre a um feiticeiro para que lhe forneça um meio seguro de se introduzir em palácio.

Ouvindo-lhe a narrativa do truncado idílio, o bruxo comenta: «O amor sempre acaba assim. Tenho vivído mil anos, e no nosso planeta as coisas nunca variam».

Oferece-lhe convertê-la numa pequena ave branca, já que é pura e ebúrnea.

—Transforma-se antes em pavão. São mais bonitos!

Tornada em pavão, num pavão maior e mais belo do que os que vagueiam nos jardins do palácio, com «olhos de alma encarcerada», humanos olhos tristes, a abandonada vigia, afaga os filhos, e vem, anos passados, a ouvir, dos fisicos e dos astrólogos, que o rei, muito doente, não passará daquela noite.

O pavão amoroso demanda, compadecido, a morada do feiticeiro, que, a seu rogo, a restitue á primitiva forma, avisando-a, porém, de que, em vista de ter renegado o voto de deixar de ser mulher, as horas da sua vida estão contadas.

—Mas o rei viverá?—interroga.

O mago assegura-lhe que sim, e ela, contente de dar a vida por êle, corre ao palácio, invade a câmara do antigo amante e, gritando:—«Trago-te a vida, estrela da minha alma! Trago-te a vida!»—cai-lhe morta aos pés do leito.

«O rei ergue-se e põe-se de pé. O sol espalha sôbre tudo uma benção de oiro. Joias resplandecem, scintilantes. E todo o mundo das aves canta».

Manoel de Sousa Pinto.

PANCADA, MORAES & C.ª

Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer

: : : : compra aos melhores preços : : : :

RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

Zeferino Falcão

DOENÇAS E HIGIENE DA PELE

RETOMOU A SUA CLÍNICA

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, 6, 1.º

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Uma sessão de animatografo

Por uma destas noites humida, chuvosas, que teem marcado o inicio do inverno, o sinatario destas linhas, exercendo uma das poucas liberdades de iniciativa a que dá direito um ordenado reduzido quanto ao poder de acquisição, embora de quantitativo elevado, adquiriu um bilhete de categoria media, que lhe permitiu assistir, num dos cinemas mais luxosos da zona centrica, ao perpassar no «écran» de uns tantos «films» de procedencia estrangeira. Foram duas horas de praser relativo, em que os casos vulgares da vida, revestidos de um scenario que espevitava sugestões, apareceram no pano branco do cinema, em fitas de grande metragem e que tão depressa reflectiam o pormenor comiço como retratavam as mais extravaganteo scenas policiais. Conservamos uma vaga ideia daquilo tudo. Que um programa cinematografico não é de facil digestão... Que nos recorde, havia uma perseguição, em automoveis de grande velocidade, marca «yankee», a um grupo de bandidos que, depois de se entregar ao pacifico entretenimento de estrangular um octogenario e amordaçar uma velha serva, encontrava, como epilogo da ousadia, a hospitalidade indesejavel de um carcere. Isto depois dos perseguidores terem feito justiça sumaria, a tiros de «Savage», a uns quantos colaboradores do estranho feito... Esta era a parte culminante do espectaculo. O publico aplaudiu, arrebatado pela facilidade com que, no «écran», os actores eram abatidos, á laia de bonecos do nosso tradicional «pim-pam-pum». Mas outras cousas vimos, por que os frequentadores do salão revelavam uma «aficion» extrema. Apareceu um episodio de guerra, com a respectiva remoção de mortos e feridos e o despejar ininterrupto de canhões de grosso calibre. Entre «cow-boys» de um fantastico Far-West—que, certamente, em realidade, se resumia a um modesto parque de Versailles...—e um troço de peles-vermelhas de ultima hora, a que toucados de penas de galinha davam um aspecto que não chegava a ser feroz, travou-se peleja renhida, que não concluiu sem que parte da comparsaria cambalhotasse, em simulação da morte, á rasão de uns tres francos por dia... A nota amenizante, um idilio campesino, tambem surgiu, bem como as invulgares façanhas de um qualquer Charlot de baixa cotação.

Mas isto era o que menos interessava a heterogenea assembleia do cinema em que sepultei duas horas de aborrecimento. O que arrebatava, o que fazia esbugalhar os olhos de uma pobre velhota que a meu lado se sentara, o que levava ao maximo a tensão de espirito daquela gente, eram as scenas rapidas, impressionantes, em que os braços se erguiam em gestos de liquidação e a Morte pairava sobre o enredo, pondo-lhe um saborsito macabro de que os espectadores não desgostavam... Muito interessante.

. . . .

Meia noite e vinte. O espectaculo terminara. Eu bati os pés, de friorento, emquanto apertava o sobretudo e os companheiros de comoções desfilavam a meu lado, aprumados, a caminho do tugurio. Dois sujeitos de aspecto respeitavel, engabardinados até ao pescoço, estacaram, mesmo ao pé. E um deles disse, emquanto o outro agitava um jornal da noite:—Porque não é admissivel, meu amigo, está inercia das autoridades. Portugal precisa de castigar os crimes, para demonstrar que é um país civilizado...

L. Consiglieri Sá Pereira

DE LUTO

D. Carolina Augusta Santos

Com vinte e três anos de edade, justamente no momento em que a vida ia começar a sorrir-lhe concedendo-lhe a grande alegria de ser mãe, faleceu ontem a sr.ª D. Carolina Augusta Santos, irmã do sr. Jorge Santos, inteligente administrador do nosso colega «A Patria». O funeral da desventurada senhora, que constituiu uma eloquente manifestação de pezar, realizou-se ás 16 horas de hoje.

A Jorge Santos apresenta «O Diario de Lisboa» sinceras condolencias.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

O ENTRECHO DO ORIGINAL PORTUGUÊS QUE HOJE SE REPRESENTA NO CHIADO TERRASSE

O dramaturgo Victoriano Braga fala ao "Diario de Lisboa" sobre a peça "Conselho da Noite"

Um interessante caso psicologico sujeito ás três unidades de teatro: acção, logar e tempo — Bernstein e Maeterlink

Luis Vitoriano Braga, o dramaturgo do *Octavio*, peça de vinte anos, e do *Salon de Madame Xavier*, dá-nos agora o *Conselho da Noite*, que sobe esta noite á scena no Terrasse.

Vitoriano Braga, um pouco nervoso, não da *premiére*, mas de certos embaraços que surgem sempre á ultima hora, contou-nos o entrecho da sua peça: tres actos cheios de acção, onde se debate um curioso problema psicologico, tocado de ternura e de emoção. Será uma peça vivida pelo autor? E', certamente. Ele nos disse depois, sem reparar, que, para se ter alguem em teatro, necessario se torna ser a experiencia da vida; vivê-la intensamente pelo pensamento e pelo coração.

O *Conselho da Noite* tem as três unidades de teatro: ação, logar e tempo. E' o mais

Victoriano Braga

dificil de realizar em treatro. Só depois de se passarem estes trés escolhos é que o dramaturgo se deve encaminhar para o mais simples: a acção em logares diferentes e em tempos diferentes.

Vamos agora ao reconto do *Conselho da Noite*, peça que tem sete anos já e á qual o publico deve assistir desde a primeira scena.

Porque senão, lá se vai o efeito!

Fala Vitoriano Braga:

—Um salão antigo, rico de colgaduras de Damasco, jarras altas do Japão, doirados; ao fundo, duas janelas pombalinas, e entre elas, um retrato de familia; á direita, uma porta que dá para a capela da casa. As figuras, ainda que sem titulos nobliarquicos, são todas de aristocracia. O primeiro acto passa-se á noite... Uma senhora, Maria Domingas, que tem uma filha, Maria Teresa e um parente rapaz novo, escritor, que se chama Mario.

Mario apaixona-se por Maria. O seu amor, porém, é feito de silencio. E' muito timido, muito simples. Em frente da mulher que ama, perde todas as suas qualidades de espirito. Não sabe falar, mãos atadas, palavra dificil. Maria fez-lhe as suas confidencias e ele, ouvindo-as sem um protesto, uma faulha de paixão, leva-a a crêr que realmente ama outro... O outro é um rapaz velho, experiencia da vida, luvas de pelica, amantes francesas. Um certo recorte de Eça de Queiroz, no personagem.

Padre Bernardo pressente aquele amor de Mario silencioso, timido, cheio de pureza; vê o outro, cinico, perverso, inscrevendo no seu livro de aventuras, ilustrado a azul, aquela conquista mais.

Maria Domingas (a mãe) consegue arranjar uma colocação, em Paris ao *vieux marcheur*. Aparecem então duas figuras de rapariga. O seu papel é quasi nulo. No entanto coloquei-as ali para provarem a virilidade de Mario.

Ao lado da mulher que ama perde-se, perdendo o seu amor. Ao lado das outras readquire toda a sua graça, todo o seu espirito. Brinca; tem *humour*. Se ele não as ama!

Padre Bernardo diz, então, a Mario: Confessa-lhe o teu amor; diz-lhe tudo, tudo. Esta noite vai pensar, pede a Deus que te dê energia.

O rapaz hesita, depois recusa. Não, não, nunca conseguirá dizer-lhe uma palavra. «Ouve o Conselho da Noite»—conclue bondosamente padre Bernardo. E assim termina o primeiro acto.

O segundo passa-se na mesma sala, noite alta. As duas raparigas — uma delas está apaixonada por Mario—tentam convencer Maria Tereza que é um desvario a sua paixão pelo *vieux marcheur*. Falam-lhe duma francesa que ele vai levar, não tarda, para Paris. Maria Tereza não ouve, não se convence e vai á janela ralhar com um caseiro. Este personagem, que não aparece em scena e do qual se ouve a voz, é um inimigo de Tereza. A sala está decorada para uma solenidade religiosa. Maria Tereza, cansada, extenuada, deita-se num sofá. Em pjama, quere falar a Ruiz, o *vieux marcheur*. Ninguem que lhe leve um recado. Recorre a Mario... Dialogo vivo... A sala escurece; por uma janela entra o luar. Ruiz vem, salta a janela, fala com Maria, pretende brutaliza-la, possui-la. Ela repele-o. Ruiz, cinico, fala-lhe da amante com ironia. «Se ha tantas francesas em Paris». «Para quê, mais uma?» «Rideau», sobre uma scena violenta. Luta-se.

—E o terceiro?...

—O caseiro descobriu tudo. Maria está perdida e apela para Mario. Este, para a salvar, aceita o alvitre de, piedosamente mentir á mãe. Mas quando ela lhe disse que o outro a abraçou, bate-lhe, atira-a violentamente para o chão. A mulher, caindo do seu pedestal, tornara-se mais humana...

—E depois?

—A mãe quere casar Maria com Ruiz. Aquela não quere. Mario aparece. Maria Domingas coloca-os frente a frente... Caminham para a capela... Mario, no entanto, não acredita na inocencia de Maria Tereza. Esta mostra-lhe um bilhete, um bilhete de Ruiz, pelo qual se prova que ela o repeliu brutalmente... E a outra, a apaixonada, surge na portada, e ao vêr, como os noivos já se beijam, encosta-se desfalecida... No final da descrição do *Conselho da Noite*, preguntamos a Victoriano Braga quais os seus dramaturgos predilectos:

—Bernstein, como dramaturgo; Materlinck, como escritor teatral...

—Introduziu alguma coisa nova na sua peça?

—Talvez aquele personagem que nunca aparece em scena e de que se ouve a voz em todos os actos...

E Vitoriano Braga, que tem uma admiração extraordinaria pelo publico e um horror por tudo quanto seja dinheiro, despede-se de nós um pouco nervoso.

—E' a primeira vez que me sucede isto na minha vida. Ha sete anos o *Conselho da Noite*, era tudo quanto eu podia dar... Hoje, já não... A *Casaca Vermelha*...

COLISEU DOS RECREIOS
Brevemente
Sensacional estreia

MUSICA

O concerto de domingo do maestro Fão, no Politeama

WAGNER

e o "Tristão e Isolda", Liszt e os "Preludios", e Tschaikowsky e o "Adagio lamentoso"

Fui para o concerto de ante-ontem com aquela curiosidade um pouco mórbida que na consciencia dos que vivem permanentemente uma intensa vida interior desperta sempre a perspectiva das emoções fortes. A musica tem para mim o poder dominador de um filtro enfeitiçado, é o resumo dos mil anseios hesitantes dispersos pelos intimos recantos da minha alma e para os quais não encontro tradução nem formas.

A musica é o complemento dos pensamentos dos poetas, é o traço de união entre Deus e os homens. Na musica há um poder de expressão e de exteriorisação que muitas vezes a palavra não atinge.

E' por isso que Wagner, na maravilhosa dualidade do seu genio incomparavel, compreendeu que, para atingir o seu sonho de gigante, forçosamente tinha de lançar mão das duas formas, criando para os seus dramas musicais o fundo literario cujo sentido mais definidamente determinava por meio de harmonias.

Na primeira parte do programa de ante-ontem figurava a já entre nós conhecidissima, mas nunca por demais ouvida, «Morte de Isolda» e esse numero bastaria por si só para me atrair. O «Tristão e Isolda» é, sem duvida, de todas as obras de Wagner aquela em que ele poz maior carinho, mais apaixonada devoção e mais sentida angustia porque, ao escrevê-la, viveu-a em todas as fases da sua tragedia, pois atravessava então o mais agitado momento da sua vida sentimental, a maior crise passional da sua existencia. E assim é que por todo esse monumento de emoção perpassa, num sopro anelante de agonia, toda a fermente agitação de um coração ferido e nás suas harmonias envolventes e esmagadoras vibra sempre o mesmo encanto arrastador que subtilmente nos leva á scena da morte como a um fim inevitavel, como que da morte fazendo a solução mais logica das aspirações daqueles que muito amavam e sofreram.

Além deste numero, houve na primeira parte a abertura do «Roi d'Ys» de Lalo, os «Preludios» de Liszt, de côr acentuadamente romantica onde vibra em rajadas todo o lirismo dos versos de Lamartine e, como nota de um modernismo «frappant», um encantador numero para arcos, «Depois do verão» de Florent Sehmidh.

A segunda parte foi preenchida pela «Sinfonia patetica» de Tschaikowsky e, se dissermos que o «Adagio lamentoso» é uma das mais belas paginas que temos ouvido do repertorio russo, creio que não andaremos longe da verdade, e o maestro Fão, quando porventura não tivesse como tem já assegurados os seus creditos de regente, teria na tarde de ante-ontem a sua consagração pela forma verdadeiramente superior como conduziu toda esta obra.

Na terceira parte, onde foi ouvida com muito agrado uma «Serenata italiana» de Wolf, pela primeira vez tocada em Portugal, e que fechou pela abertura do Tanhäuser, foi-nos dada num interessante «Minuete» de Oscar da Silva a nota nacional que tão simpaticamente o maestro Fão não esquece nunca.

O publico chamou-o repetidas vezes nos finais das partes, aplaudindo-o calorosamente.

Oliva Guerra.

Anselmo Braamcamp Freire

Encontra-se gravemente enfermo o sr. Anselmo Braamcamp Freire, a quem foi feita ontem uma junta medica, sendo o diagnostico de caracter reservado. Parece que o sr. Braamcamp Freire está sofrendo de um tumor de caracter canceroso.

Malas postais

Pelo «Ussukuma» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

INTERESSES LOCAIS

Uma construção escolar em Cezimbra

O sr. major Tavares de Carvalho solicitou do ministerio da instrução um subsidio para a construção dum edificio escolar numa das freguesias do concelho de Cezimbra.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UMA CARTA

O sr. Rafael Ribeiro

ex-governador civil de Faro

DIZ-NOS

que o sr. Maia Pinto está entregando os governos civis ao partido democratico

A proposito de um eco por nós ontem publicado, escreve-nos o sr. Rafael Ribeiro a carta seguinte:

Lisboa, 22 de Novembro de 1921.

Sr. director do «Diario de Lisboa» — Teve v. a amabilidade de dizer no seu conceituado jornal que eu enviei um telegrama a sua ex.ª o sr. presidente da Republica e outro ao sr. ministro do interior, protestando contra a minha exoneração e substituição por um democratico, pratica já seguida noutros distritos, segundo afirmei.

Como não foi só isto que eu disse nos meus telegramas e como não foi este o fim principal que me levou a expedi-los, permito-me vir pedir a v. se digne dizer o que faltou.

Se bem que eu tivesse sido exonerado do cargo de governador civil de Faro, *sem que eu tivesse pedido,* contrariamente ao que consta do *Diario do Governo*, unicamente para o lugar ser nomeado um democratico, eu considero esse caso um caso secundario.

Eu protestei, e protesto, principalmente, afirmando e provando, que o sr. Maia Pinto está entregando os cargos de governadores civis aos democraticos, dando assim lugar a que as proximas eleições sejam feitas pelos democraticos e ganhas pelos democraticos.

E fiz o meu protesto, não só pelo facto de eu ter sido exonerado do cargo de governador civil do distrito de Faro, mas sim, e principalmente, e como candidato a deputado pelo circulo n.º 1, *como já fui nas ultimas eleições*, pelo facto de ter sido exonerado do cargo de governador civil do distrito de Viana do Castelo, *sem pedir*, o republicano independente que estava á frente do distrito e que garantia ampla liberdade e imparcialidade no proximo acto eleitoral, e ser substituido por um individuo que faz a politica do Partido Democratico e que essa garantia, portanto, não dá.

Afirmei e afirmo que o sr. Maia Pinto está entregando os cargos de governadores civis aos homens do partido democratico, e isso provo com o que se deu comigo, com referencia ao distrito de Faro, e com o governo civil de Viana do Castelo, e ainda por ter considerado sem efeito o despacho que exonerou o sr. José Pedro de Matos, do cargo de governador civil de Beja. Este individuo tinha sido nomeado governador civil de Beja por despacho de 29 de outubro e exonerado por despacho de 1 de novembro, sendo nomeado para o substituir o sr. dr. José da Cunha Mota, delegado do Procurador da Republica em Setubal. Como, no emtanto, o sr. José Pedro de Matos é democratico, fica.

Com a homenagem da minha consideração e estima, de v., etc., *Rafael Ribeiro.*

ALEM-MAR

Funcionarios de Mossamedes exonerados

Foram exonerados de conservador do registo predial da comarca de Mossamedes, o bacharel sr. Adriano Duarte Silva, de aspirante telegrafo-postal da Guiné, o sr. Pedro Duarte, de director dos serviços de agrimensura e condutor de Timor, o major de infantaria sr. Machado Duarte e de condutor de 2.ª classe das obras publicas das colonias, o sr. José Barbosa.

Liceu de Macau

Foi transferido de professor efectivo do 5.º grupo do liceu de Macau, para o 4.º grupo do mesmo liceu, o professor sr. Casimiro Peçanha.

Confirmação de logar

Foi confirmado no logar de secretario geral da provincia de Macau, o bachnrel sr. Alfredo Rodrigues dos Santos.

PRATO DO DIA: POLITICA

REUNIÕES DE UM "MINISTERIO" EM CASA DO DR. VASCO FERNANDES E NO GOVERNO CIVIL?

O sr. dr. Mesquita Carvalho
que nada quere dizer, conversa com o "Diario de Lisboa"

"E' possivel que dentro de 24 horas, ou de dois dias, não só possa falar á imprensa, mas tenha necessidade disso..."

O sr. dr. Mesquita Carvalho recebe-nos no seu gabinete de presidente do Superior Conselho Administrativo. Casa modesta, uma secretaria, seis cadeiras estofadas e muito asseio, o que, numa repartição pública, é digno de nota. O «reporter» põe muito claramente a questão: Os jornais teem reproduzido o boato insistente de que s. ex.ª será o sucessor do sr. Maia Pinto, contando com elementos que colaboraram activamente no movimento revolucionario de 19 de outubro, para organizar e assegurar a vida de um ministerio acentuadamente radical. Que ha de verdade nisso? O que pensa o sr. dr. Mesquita Carvalho, disto tudo, da situação?...

O nosso entrevistado sorriu-se. As interrogações do «reporter», não o surpreendiam, pois, ou por já terem sido formuladas por outras pessoas ou, o que tambem é provavel, por corresponderem a intenções que as cautelas da politica obrigue a calar...

O sr. Mesquita de Carvalho, colocados os seus oculos de aros de tartaruga, no rebordo da secretaria, respondeu-nos, depois, num tom de admiração:

—Mas diz-se para aí tanta cousa! Toda a gente forja boatos, os jornais teem dificuldade em saber o que há de verdade nisto tudo. Eu sei isso. A obrigação de informar o publico . . . Mas eu não posso dizer nada de interessante, apezar do ruido que teem feito em volta do meu nome. O que há? Não sei. De que a situação não é boa, estou tão convencido como toda a gente. Anunciam-se movimentos revolucionarios, da indole mais diversa e nós não chegamos a perceber cousa alguma . . .

—Mas fala-se com tal insistencia no nome de v. ex.ª para presidir ao futuro ministerio . . .

—Isso não tem fundamento. Por emquanto, é tudo muito indeciso. Eu tenho-me limitado a uma simples troca de impressões. Nada que me obrigue . . . Que lhe posso pois dizer?

—A queda do ministerio Maia Pinto é anunciada em todos os meios politicos . . .

—Sim, bem sei. Mas os jornais dizem-me, apenas, que se realizou ontem um conselho de ministros, que hoje deve prosseguir. Trata-se, decerto, de cousas que se relacionam com a vida do ministerio . . . Mas não posso dizer nada. No emtanto, é possivel que se dê qualquer modificação na evolução da nossa vida politica, o que me oferecerá oportunidade de dizer qualquer cousa. Talvez dentro de vinte e quatro horas, dois dias, possa dizer cousas intereasantes ou tenha, mesmo, necessidade de comunicar com a imprensa. A opinião publica tem direito a explicações . . .

O sr. Mesquita Carvalho, ao mesmo tempo que nos garante não ter nada a comunicar, vai deixando entrever muita coisa. Por isso o *reporter*, com risco de passar por indelicado, insiste:

—Repare, sr. dr., que afirmam ter o seu ministerio, que dão por constituido, celebrado varias reuniões. Uma delas, acrescentavam, em casa do sr. dr. Vasco Fernandes...

Novo sorriso. Depois:

—Deixe-os falar. Conversas... Conversas apenas... Só uma vez na minha vida visitei em sua casa o meu amigo Vasco Fernandes. Foi agora, por ocasião do incendio do Gimnasio. Natural, não é assim? A *Manhã* tambem fala hoje disso, dizendo que o tal ministerio reuniu, sob a minha presidencia, no governo civil. Fantasias.

Tinha chegado a altura das despedidas. O jornalista agradeceu:—Muito obrigado, senhor doutor.

—Mas não diga isto lá no jornal. E' inutil. E' um favor que me faz. Demais, não disse nada...

O conselho de ministros

Interrompido esta madrugada continuou esta tarde

O conselho de ministros continuou esta tarde os seus trabalhos, interrompidos a madrugada passada por motivo de força maior.

Jornal apreendido

Por ordem superior foi apreendido, depois de andar em circulação, o jornal *A Situação*.

As ultimas rusgas

Entregues á policia de investigação

Nos quartos particulares do governo civil ainda se encontram alguns dos individuos detidos, quando das rusgas ultimamente efectuadas pela policia, por ordem do ministerio do interior. Foram hoje entregues á policia de investigação, a fim de averiguar o seu modo de vida.

Pela marinha de guerra

Assume o comando da canhoneira "Lurio" o capitão tenente Vicente Lopes

Foi nomeado chefe da contabilidade da 2.ª direcção geral de marinha, o capitão-tenente da administração naval sr. Francisco Lopes.

—Assumiu o comando da canhoneira *Lurio* o capitão-tenente sr. Vicente Lopes.

—Vai servir na marinha colonial o primeiro tenente engenheiro maquinista sr. Samuel da Silva.

PROFESSORES DE CANTO CORAL

Vai ser publicado um decreto definindo as atribuições dos professores contractados, de musica e canto coral, das faculdades de letras.

Coliseu dos Recreios
Grande sucesso dos notaveis excentricos
HORNBECK BROS

Os Teatros

Atrás do reposteiro

A conhecida comedia de Eduardo Schwalbach intitulada «A senhora ministra» vai ser representada brevemente num dos nossos teatros por um grupo de amadores da nossas primeira sociedade.

—Os artistas Lucilia Simões e Erico Braga compraram a quota de um dos socios da empresa que actualmente explora o Politeama.

—Lucinda Simões, que actualmente reside com sua filha no palacete de Santa Catarina, trespassou a sua antiga casa no largo da Biblioteca, ao actor Ribeiro Lopes.

—Ontem, á noite, á saida do ensaio geral que se realizou no Teatro Terrasse houve uma scena de pugilato entre o actor-empresario Rafael Gomes e o seu escriturado Valerio de Rajanto, ficando este muito maguado.

—Irene Grave vai desempenhar, na peça «Frei Satanaz», de Sousa Costa, um dos principais papeis, «Genoveva», começando hoje os ensaios.

—Lucilia Simões vai pôr em scena no Politeama, ainda esta época, a peça de Carlos Selvagem «Cavalgada das nuvens».

—Encontra-se doente com uma angina, no hotel Francfort, o empresario do Brasil sr. José Loureiro.

—Carlos Santos está representando no Rio de Janeiro a peça historica «Pedro, o Cruel». Fazem parte da companhia, entre outros, os artistas José Monteiro, Laura Fernandes e Oscar da Silva.

Depois duma série de representações, deve seguir em «tournée» pelos estados do Brasil.

—Foi hoje a marcação do segundo acto da peça «Emigrantes», que brevemente sóbe á scena no teatro Politeama, em que entram as artistas Elvira Costa e Georgina Cordeiro.

—Estão sendo efectuados com toda a actividade os preparativos para a proxima temporada do teatro de S. Carlos, que, como anunciámos, se compõe de 6 concertos sinfonicos sob a regencia do maestro Vittorio Gui, de tão notavel cotação artistica, e de 44 recitas de opera, das quais 10 extraordinarias.

A temporada inaugurar-se-há na primeira quinzena de Dezembro com os concertos, e as recitas de opera iniciar-se-hão com o «Parsifal», em que se estreiarão entre nós os cantores wagnerianos de reputação mundial. soprano Elan Blandt e tenor Kirchoff, que tambem desempenharão a «Walkyria».

—Corre nos meios teatrais que foi dissolvida a companhia Emilia de Oliveira, que em «tournée» ia percorrer a provincia.

—Maria de Lourdes Cabral, que se vai estrear como actriz-cantora, no teatro Apolo, na revista «E' o levas . . .», interpretará o papel de «Maourita».

—Na revista «Tic-tac», que brevemente sobe á scena no Eden. em «reprise», a actriz Elisa Santos desempenhará os seus antigos papeis, e Adelina Fernandes cantará fados e canções.

—José Loureiro, o empresario brasileiro que se encontra de passagem em Lisboa, falou ao actor Rafael Marques na realização duma «tournée» ao Brasil, com peças do grande reportorio.

—Consta que se levantaram dificuldades na cedencia do teatro da Trindade á companhia Alves da Cunha.

—Uma senhora da nossa sociedade elegante, que tem entrado em diversas récitas de caridade e que ainda ultimamente se distinguiu num espectaculo de amadores no Politeama, deve estrear-se num dos nossos primeiros teatros de declamação.

—Consta que o fato que Estevão Amarante apresenta na nova opereta «A Perola Negra» custou cinco contos de réis e foi mandado vir expressamente da Argentina.

RECLAMES

S. Carlos—Não há hoje espectaculo neste teatro para dar logar ao ensaio geral da peça «O Regresso» que ámanhã sobe á scena para reaparecimento da grande actriz Angela Pinto.

Nacional—E' esta a ultima semana em que se representa a interessante peça historica «D. Afonso VI».

Politeama—Na peça «Uma mulher sem importancia», mostrou, mais uma vez, a talentosa actriz Lucilia Simões quanto valia.

Avenida—Não tenha v. ex.ª a menor duvida! A peça mais concorrida de Lisboa é a opereta «Uma viagem á China».

Apolo—Apesar da quadra de aflições em que a gente vive, os senhores não sabem o que é um homem verdadeiramente aflito. Se querem sabê-lo, vão hoje ao Apolo.

Eden—O «Maxixe», que a actriz Elisa Santos e o actor José Morais dançam na revista «Pau de dois bicos», é bisado todas as noites.

Chiado Terrasse—Hoje, em segunda recita de assinatura, representa-se pela primeira vez a nova peça, em três actos, «O conselho da noite», original de Vitoriano Braga.

Salão Foz—Nada impede que prossiga na sua vitoriosa carreira a famosa revista «Bichinha Gata».

Coliseu dos Recreios—Alcançaram um extraordinario sucesso os notaveis excentricos que hontem fizeram a sua estreia.

Professora nomeada

A sr.ª D. Elisa Ana da Fonseca foi provida, temporariamente, na escola primaria de ensino geral de Freixial, freguezia de Bucelas, concelho de Loures.

NACIONAL Telefone C. 2049

HOJE — e ainda em pleno exito

A brilhante peça historica

D. AFONSO VI

ÚLTIMA SEMANA

Amanhã: unica Recita da Moda com

D. AFONSO VI

Na actual semana — 2.ª recita de assinatura e «première» da peça **Casa Cercada**

POLITEAMA

Telef. C. 1028 **Ás 21,15**

O grande sucesso da presente temporada

Uma mulher sem importancia

Admiravel desempenho de toda a companhia

LUCILIA SIMÕES

Soberba criação desta artista no principal papel feminino

Orquestra Sinfonica de Lisboa

Domingo, 27—3.º concerto de assinatura, sob a regencia do

MAESTRO FERNANDES FÃO

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia Luz-Veloso

HOJE

Inauguração das Recitas da Moda

2.ª recita de assinatura

1.ª representação da peça em 3 actos, original de Victoriano Braga

O Conselho da Noite

Eden Teatro

Empresa H. Barreiras, Lt.ª

Companhia Nascimento Fernandes

2 sessões — A's 8,30 e 10,30 — 2 sessões

A querida e popularissima revista

PAU DE DOIS BICOS

Numeros bisados com delirio

A «canção das perdidas» por Adelina Fernandes

A CIGANA — por Jalzira de Sousa

O MAXIXE — por Elisa Santos e José Morais

O' Gregorio! O' Gregorio!

por Adelina Fernandes e José Santos — «O 1.º de Maio», por Deolinda Macedo. — «Os compadres Buscapé e São Nunca» por **Nascimento Fernandes e Luis Bravo**

PREÇOS POPULARES: Camarotes, 7$50 Fauteuils, 1$70, Promenoir, $30

Sexta-feira — Sorteio do fato de graça

Neves & Cruz

Importadores e Exportadores directos

SÉDE

RUA IVENS, 53

Conservas e vinhos

Sede provisoria da Filial em ANVERS

51 Rempart Stc. Catherine

Agentes no:

Congo Belga,
Loanda
e Benguela

(PRODUTOS AFRICANISTAS).

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

INTERESSA A TODOS!...

¿Quereis conservar os vossos calçados, pela aplicação de uma Pomada de absoluta confiança?

—Usai a «INDIANA», incomparavelmente a melhor pelo seu brilho, pelas suas explendidas qualidades de conservação do cabedal e optima apresentação, em côres: **preto, amarelo, CASTANHO ESCURO DA MODA.**

COMPLETA NOVIDADE

Á venda nos principais Armazens de Cabedais, nas boas Sapatarias do País e no Depósito Geral:

Á PELARIA FINA

Casa de bons artigos em SOLAS, CABEDAIS, ATACADORES e mais especialidades destinadas á confecção de Calçado de Luxo e Vulgar, de

POLICARPO JUNIOR L.DA

Rua do Jardim do Regedor, n.os 13, 15 e 17 — LISBOA

Telefone C. 3223
Telegramas: PELFINA

Agentes exclusivos de revenda para Portugal e seus dominios, Espanha e Estados do Brasil

ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E GAZ
CANDIEIROS E LUSTRES PARA GAZ E ELECTRICIDADE
MATERIAL ELECTRICO E APARELHOS PARA LABORATÓRIOS
MOTORES, DINAMOS E VENTOINHAS

LEITE & ALMEIDA

Escritório e depósito: 120, R. da Prata, 122
LISBOA

TELEFONE N.º 3195

Oficina: L. de Santa Marinha, 26

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

ELECTRICIDADE—MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

NÃO COMPREM

Candieiros e plaffonniers, ferros de engomar electricos, estatuetas e outros artigos de electricidade, sem confrontarem os preços porque vende o Bico Nacional Aureo—Rua 1.º de Dezembro, 33 a 37—Tetef. 1047 C.

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Companhia OTELO DE CARVALHO

de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção

Continuam as enchentes

Prossegue o entusiasmo

BICHINHA GATA...

A revista sem rival, com graça, fina critica, animação e deslumbramento.

QUINTA-FEIRA
Recitas da Moda

Cozinha á PortuguêsA

SCHWALBACH

HOJE E SEMPRE

APOLO

HOJE E SEMPRE

GATO por LEBRE

SCHWALBACH

TEATRO DE S. CARLOS Tel. C. 5063

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Lda.

3.ª EPOCA 1921-1922

Até 26 do corrente está aberta no escritorio, das 13 horas em diante, a assinatura dos logares disponiveis para a proxima temporada, para os Exmos Assinantes das epocas anteriores, sendo tambem dentro deste periodo convidados os Exmos Societarios a efectuar o pagamento das assinaturas que requisitaram. O elenco e programa dos concertos sinfonicos serão publicadas dentro de poucos dias.

Noites agradaveis,
Noites de prazer, só no
Coliseu dos Recreios

LUIZA SATANELA

ESTEVÃO AMARANTE

AVENIDA

: : UMA : :

Viagem á

- China -

ALVES DA SILVA

RAQUEL DE BARROS

"Diario de Lisboa"

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

A CAMINHO DA PAZ?

A POLITICA EXTERNA DOS "SOVIETS"

O governo bolchevista e a Terceira Internacional não se entendem

Um dos motivos do conflito é o reconhecimento, por parte do governo, das dividas russas

BERLIM, 22.

O governo dos «soviets» está em conflito com o Conselho Executivo Central da Terceira Internacional, por motivo da politica estrangeira do Kremlim. O Conselho Executivo da Terceira Internacional censura o governo dos «soviets» por este se ter declarado disposto a reconhecer as dividas russas, o que causou grande desapontamento nos meios comunistas da Europa Ocidental, que vêem com desagrado as constantes cedencias feitas por Lenine para obter o reconhecimento dos governos burgueses. A Terceira Internacional enviou um protesto por escrito ao Kremlim, condenando inteiramente toda a politica externa do governo dos «soviets». Os comissarios do povo replicaram que só têm que dar contas dos seus actos ao Comité Central Executivo dos «Soviets» e ao Congresso dos «Soviets» e não á Terceira Internacional, acrescentando que os comunistas russos fizeram bastante pela revolução mundial, e que se agora são obrigados a ceder, o fazem por culpa dos comunistas ocidentais, que foram incapazes de promover essa revolução.—(U. P.)

Vai ser reconhecido o regimen bolchevista?

BERLIM, 22.

A «Krasnaya Gazetta» diz que o reconhecimento do governo dos «soviets» depende das negociações feitas pelas potencias ocidentais e a Russia, para o reconhecimento das dividas externas dêste país. Outros jornais dizem que quando isto suceder o governo dos «soviets» pedirá á Entente quantias que excederão as dividas russas.—(U. P.).

Os resultados da conferencia de Washington

BERLIM, 22.

A imprensa russa diz que a conferencia de Washington não poderia dar resultados proficuos a menos que a Alemanha e a Russia não tomassem parte nela.—(U. P.).

Em Bombaim

Mais de 100 feridos e 6 mortos

BOMBAIM, 22.

Teem continuado os tumultos. Os indios insultam e molestam todas as pessoas vestidas com trajos europeus. Qualquer europeu que entra nos bairros indigenas é imediatamente assaltado. Os indigenas atacaram as fabricas de tinturaria, tendo as tropas inglesas carregado sobre êles, tendo ficado seis pessoas mortas, mais de cem feridas e tendo-se feito duzentas prisões.—(R.).

A CRISE *economica da Russia*

O QUE DIZ O DR. NAUSEN

O trigo apodrece emquanto os russos morrem de fome

OS "SOVIETS" OFERECEM TODAS AS GARANTIAS PARA SOCORRER OS FAMINTOS

O dr. Nausen concedeu em Londres uma entrevista ao jornalista espanhol Ricardo Baeza, da qual se depreende claramente qual a situação verdadeiramente angustiosa que atravessa a Russia.

O dr. Nansen, a quem finalmente foi entregue o cuidado de socorrer as desgraçadas populações da Russia, desmente categoricamente todas as acusações feitas aos «soviets», de impedirem por qualquer meio a distribuição de viveres, e de os entregarem de preferencia ás tropas vermelhas.

Diz que a situação da Russia é mais aflitiva do que pode depreender-se da leitura das mais negras exposições que dela teem sido feitas; os numeros de mortes dados pelas informações bolchevistas, são absolutamente certas e não exageradas, como começou a propagar-se. Julgamos dever transcrever algumas passagens dessa entrevista, que sintetizam nitidamente a verdadeira situação, os esforços que teem sido feitos para a debelar e a acção dos «soviets».

A crise economica da Russia é a mais aguda de quantas constituem a grande crise economica mundial; o aspecto mais pavoroso dessa crise é a fome que mata milhões de homens. A salvação desses milhões de homens não admite demoras; se antes da Pascoa não se conseguir reunir os cinco milhões de libras precisas, toda a população russa perecerá.

A cooperação de todos os povos na salvação da Russia, contribuiria para debelar a crise de trabalho que os avassala; porquanto os operarios desempregados encontrariam trabalho na produção para salvar a Russia. «Na minha opinião, o governo dos «soviets» é profundamente sincero nos seus esforços, para conjurar a situação; porém, não creio que possa consegui-lo sem o auxilio dos mais paises. Verifiquei que todas as estatisticas bolchevistas dos mortos são absolutamente correntes contra o que se vinha propagando, bem sabemos com que intenção... Todas as colheitas dos distritos atacados se perderam e os recursos em cereais do resto da Russia, ainda que deles se pudesse dispôr livremente, não bastam para os socorrer».

As nações que têm enviado socorros são a Noruega, a Suecia, a Finlandia, Latoia, Lituania e Estonia; a Alemanha tambem, apesar das grandes dificuldades que atravessa. Algumas comunas francesas prometem socorros e o governo persa já anunciou a remessa duma grande quantidade de arroz e cereais. E' de notar que são as nações mais proximas ao governo dos «soviets» que, portanto, mais têm a recear da propaganda bolchevista, aquelas que mais prontos socorros têm enviado e que têm desenvolvido um auxilio segundo as suas fôrças, maior prova de que reconhecem bem, pelo que vêem melhor que os outros, quão angustiosa é a situação das desventuradas populações russas.

Mas é monstruoso que com a Argentina, tão recheada de grão, que se vê obrigada a queimar o que sobra; com o trigo americano apodrecendo nos celeiros; e o Canadá com dois milhões de toneladas de trigo excedente, é monstruoso que estejam morrendo de fome na Russia milhões e milhões de homens.

Carecem em absoluto de fundamento os rumores de que os viveres enviados para os famintos são atribuidos ás tropas vermelhas do governo. Estas, ainda que não muito bem, estão perfeitamente alimentadas, e até cedem uma parte das rações para o socorro dos seus compatriotas.

Os «soviets» fazem quanto está em seu poder; para o tempo que breve chegará em que rios e canais serão longas estradas de gêlo, já o governo tem assegurado um serviço de transportes com animais. Segundo o contracto do dr. Nansen com os «soviets», nenhuns socorros têm de passar pela mão destes na transmissão para os famintos. Os paises que enviarem socorros podem ter quantos delegados quizerem a fiscalizar o destino que lhes é dado.

O dinheiro recebido é empregado integralmente na compra de viveres; os homens que gastam o seu tempo em socorrer os desgraçados não auferem de aí qualquer gratificação.

A autoridade central da organização de socorros irá residir em Moscou, onde será auxiliado por um delegado dos *soviets*. Terá a maior liberdade de acção em tudo que diga respeito ao transporte e distribuição de viveres; as suas decisões serão estrictamente acatados pelo governo, sem a colaboração do qual, como muitos pretendiam, nada se podia conseguir.

«Tudo depende da sua boa vontade. E o que pude observar nas minhas relações com os *soviets* é que estes estão, como é logico, mais interessados que ninguem no exito desta obra de beneficencia».

O tempo porém agrava as dificuldades que há para socorrer os famintos espalhados pelas grandes planicies russas. Dentro de poucas semanas o termómetro baixará a 30°; as planicies cobrir-se-hão de neve, em que milhões de homens ficarão enterrados.

O dr. Nassen lamenta-se de não poder encontrar facilmente uma soma tão pequena como é, afinal, a de cinco milhões de libras, que lhe bastaria para começar imediatamente uma obra de socorros eficaz.

«E' apenas metade do que custa um *super-dreadnought*. Só a Inglaterra gastou mais de cem milhões em auxiliar as tentativas contra-revolucionarias de Denikine e Koltchak. O donativo de esses cinco milhões, de que tão urgentemente se precisa, não seria em realidade c não uma pequena indemnisação por danos e prejuizos, óu melhor ainda, o que os ingleses chamam «conscience money».

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCÀRIA

103 RUA AUREA 105

Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa transferencia e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone C. 3033

103 RUA AUREA 105

NOTICIAS DE BERLIM

AINDA OS ASSALTOS ÁS MERCEARIAS

Nos ultimos tumultos a policia berlinense fez mais de sessenta prisões

Os negociantes ou fazem barricadas em frente das lojas ou fogem levando as mercadorias

BERLIM, 22.

Teem continuado nesta cidade os assaltos aos armazens de viveres. A policia teve uma colisão com os assaltantes, tendo prendido mais de sessenta individuos. Estes tumultos são o resultado directo da baixa do marco. A carne congelada proveniente da America, o leite, a manteiga e o café desapareceram completamente do mercado e as novas remessas de produtos alimentares estrangeiros ficam agora muitissimo mais caras no mercado de Berlim. Grande numero de negociantes barricou as suas lojas e montras, e os vendedores ambulantes fugiram diante da multidão com as mercadorias que puderam levar.—(R.)

Vai declarar-se a greve geral?

BERLIM, 22

Os comunistas ameaçam fazer um novo levantamento. Num comicio em Halle propôs-se a declaração da greve geral se não fossem libertados os individuos implicados nos tumultos de Março. O aumento do custo da vida dá motivo ás agitações. Diz-se que Radek saiu de Moscou para fazer propaganda bolchevista na Alemanha. O governo distribuiu por varias prisões os individuos que estavam fazendo a greve da fome e alguns já se decidiram a tomar alimentos, no entanto ainda se mantem bastantes fazendo a greve da fome e provocando agitações em seu favor. A má situação do país sob o aspecto financeiro concorre para dificultar a situação.—(R.)

EM ARMAZEM

Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.

JOHN M. SUMNER & C.º

SUCESSOR

JOSÈ J. TEIXEIRA

29 — Avenida da Liberdade — 37

LISBOA

As finanças

Entre os comentarios despertados pela portaria, aqui ontem transcrita, sobre a designação de Bancos, há um que já ocorreu ao comentador do nosso colega *A Epoca* e nós entendemos secundar aquele dever que obriga, a quem tem a noção da responsabilidade, o facto de ter sido o iniciador.

Outra na nossa Cronica Financeira já glosámos a necessidade de uma lei de incompatibilidades entre os cargos administrativos de certos Bancos e Empresas que tenham relações com o Estado e a acumulação com o exercicio de funções do Estado.

Se nos não falha a memoria, chegou-se, num dos relampejantes ministerios passados, a anunciar que tal medida ia ser decretada.

Depois, veio uma crise ministerial, e com ela uma crise da memoria do legislador.

* * *

A Camara Municipal de Lisboa pensa em contrair um emprestimo de 10.000 contos, pelo prazo de 30 anos, para nos dar ruas limpas, bons pavimentos, um novo e grande cemiterio, e material de incendios.

Nota-se um lapso ou lacuna fundamental: providencias sobre abastecimento de aguas e sobre viação electrica.

Quanto a esta, como tudo está mais ou menos paralisado n'este país, compreende-se o silencio camarario.

Pelo que respeita á escasses e ruindade da agua, embora não pareça, a Camara preocupa-se. Simplesmente, como não dispõe talvez de meios para levar a Companhia nem a garantir o abastecimento á actual população de Lisboa, nem a garantir sequer que a agua da Companhia não seja um manancial de febre tifoide—cujo veiculo está averiguado ser de origem hidrica,—o Municipio faz o que pode.

Há perigo de morrer gente á sêde?

Há perigo de morrer mais gente de febre tifoide, transmitida pelas aguas da Companhia, cujo encanamento é visinho dos esgotos?

Perante isso, a Camara, não podendo cuidar dos vivos, cumpre a segunda parte do programa do Marquês: enterrar os mortos.

Para isso, mais cemiterios.

* * *

Gostariamos apenas de vêr mais desenvolvida a conta da contra partida que a Camara tenciona reservar para fazer face aos encargos e amortização do emprestimo.

Assim, a *grosso modo*, não sabemos se está certo ou se haverá engano. E um engano quem quer o tem, com cifras, quanto mais, sem cifras...

CAMBIOS
DIA 22

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	58$100	60$000
s|Londres, cheque	4 13|16	4 11|16
» 90 d. v	4 15|16	—
Rio s|Londres	7 19|32	—
s|Paris	$894	$918
s|Italia	$515	$529
s|Belgica	$865	$888
s|Suiça	2$345	2$408
s|Hespanha	1$715	1$765
s|Berlim	$045	$055
s|Holanda	4$390	4$450
s|Nova-York	12$460	12$800
Rio Brasil	$66	$62
T. Desc. Banco de Inglaterra	5	—
» » » Portugal	7	—
Agio do ouro	1$10	1$20

COTAÇÕES ESTRANGEIRAS

Madrid	s|Paris	—
»	s|Londres	29.01
»	s|Nova-York	—
»	s|Berlim	2,80
Paris	s|Londres	—
»	s|Madrid	—
»	s|Genebra	—
»	s|Berlim	—
Londres	s|Paris	55,75
»	s|Roma	21,26
»	s|Nova-York	4,00
»	s|Berlim	10,95
»	s|Amsterdam	11,35
»	s|Genebra	21,26
»	s|Belgica	57,62
»	s|Austria	—
»	s|Suécia	17,10
»	s|Noruega	28,26

NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 21

Cotação do Café, 18$00; cambio s\|Londres, 7 5\|8 e 7 11\|18; valor do escudo português, 660 e 720 réis.—A.

OBRAS PUBLICAS

Foi promovido a condutor de obras publicas de 1.ª classe, o de 2.ª classe sr. Vitor Cardozo.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 23:

Reza-se S. Clemente Papa Martir, duplêx, paramentos vermelhos, na missa os justi 1.º oração propria.

LAUSPERENE—Na igreja paroquial Santa Catarina, pela Irmandade do Santissimo.

Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8.30 horas, missa.

S. Francisco de Paula, ás 11,30 horas, festa a S. José, com missa solene, por musica, orando o rev. dr. Cruz.

Santa Catarina, ás 12, festa ao Corpo de Deus, com missa selene, por musica; ás 18,30, Hora ao Santissimo.

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

A TARDE POLITICA

A SITUAÇÃO DO GOVERNO DEPENDE
DA
ATITUDE DOS PARTIDOS POLITICOS

O que se passou no conselho de ministros de ontem -- O sr. Maia Pinto concorda, nas suas linhas gerais, com o programa revolucionario

Reuniu ontem á noite o conselho de ministros, declarando o sr. presidente do ministerio que fizera algumas *démarches* junto dos *leaders* dos três partidos da Republica aos quais demonstrou que ou eles acordam num franco e lial apoio ao governo ou ele, sentindo-se desamparado, abandonará o poder.

Lamentou que as classes conservadoras continuassem inactivas e apaticas, criando em torno do governo um ambiente de indiferença, quando certos grupos que se intitulam radicais lhe levantam dificuldades, por imaginarem que o governo é incapaz de cumprir o programa da revolução, com o qual concorda, nas suas linhas gerais. Toda a sua esperança está, pois, nos três partidos do regime.

Cada um dos delegados dos partidos declarou que o governo devia ser mantido e apoiado, em principio, mas, não estando devidamente autorizados a dar uma resposta oficial e definitiva, prometeram ouvir hoje os respectivos directorios, que lhes darão instruções bastantes para tanto.

Hoje, ás dezoito horas, deve estar reunido o conselho de ministros, para tomar conhecimento da atitude dos partidos. Vê-se sem esforço, que a situação do governo depende exclusivamente do apoio que estes queiram dar-lhe ou retirar-lhe.

Os revolucionarios civis vão á presidencia do ministerio?

Correm continuos boatos de alteração da ordem publica que espalham alarmes e sustos. Diz-se que os outubristas, menos conciliadores, não desistem de ir á presidencia do ministerio pedir o integral cumprimento do programa da revolução, afirmando-se que irão acompanhados dum conhecido oficial de marinha. Apesar dos desmentidos que tais boatos recebem nas estações oficiais, nem por isso deixam de perturbar a cidade. A's quatro horas da tarde, a Arcada parecia arder em febre. Nos gabinetes de dois ministros, onde entrámos, havia tambem uma pontinha de incerteza.

O P. R. L. dá o seu apoio ao governo

O Directorio do P. R. L. reuniu hoje ás 14 horas, no Centro do Largo do Calhariz, sob a presidencia do sr. dr. Celestino de Almeida, sendo reservadas as suas resoluções. Sabemos, porém, que decidiu dar todo o seu apoio ao governo, impondo a condição do rigoroso inquerito aos crimes de 19 de outubro, com o indispensavel procedimento criminal contra os seus autores, cumplices e indutores de qualquer categoria que sejam.

O sr. Maia Pinto tem a confiança do chefe do Estado

O chefe do Estado, em conferencia com o sr. Maia Pinto, ratificou-lhe a sua confiança. O sr. Antonio José d'Almeida, confiado no patriotismo dos partidos da Republica, espera que estes não abandonem o actual governo, sobretudo quando se torna necessario normalisar a vida constitucional do país.

O general Gomes da Costa entrará para o governo?

Se porventura fôr feito o convite ao sr. general Gomes da Casta, como ontem informámos, para tomar conta da pasta da guerra, os três partidos do regime pôr-se-hão de acordo para isso.

* * *

A's 17 horas foi dada ordem para ser reforçada a força que guarda a residencia do sr. dr. Antonio José de Almeida.

* * *

Comunicam-nos do governo civil que ha ordem de prisão contra duas individualidades que factos recentes e suspeitas de conspiração puzeram em muita evidencia.

OS T. M. E.

O CASO DO ABALROAMENTO DO VAPOR "LOURENÇO MARQUES"

A quem cabem as responsabilidades?

AO PILOTO DO PORTO DE HAMBURGO OU AO COMANDANTE DO NAVIO?

BERLIM, 22.—O vapor «Lourenço Marques», dos Transportes Maritimos de Portugal, que afundou, ao entrar em Hamburgo, um batelão carregado de milho, matando um dos tripulantes dele e danificando outro batelão, foi arrestado por petição dos proprietarios do carregamento do milho que reclamam 3.850:000 marcos como indemnização pela perda que sofreram, e mais um milhão de marcos de prejuizos que daí lhe advieram. A familia do tripulante morto reclama quinhentos mil marcos e os proprietarios do outro batelão danificado duzentos mil.

O tribunal da capitania do porto de Hamburgo declarou que as responsabilidades do sinistro cabem exclusivamente ao piloto do porto, não tendo o comandante do «Lourenço Marques» qualquer responsabilidade. Não obstante, o navio continúa arrestado, trabalhando a legação de Portugal nesta capital para resolver rapidamente o assunto.—(R.)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Ana de Gusmão de Macedo Navarro de Andrada, D. Isabel de Ortigão Burnay Belo, D. Laura Moreira de Almeida, D. Julia Maria de Serpa Pimentel, D. Maria Ana de Castelo Branco, D. Maria Carlota da Camara de Saldanha e D. Maria Clementina Ermida Parreira.

e os srs.:

Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, dr. Eduardo de Ortigão Burnay, dr. Fernando Waddington, Carlos de Sommer Alzina, José Pinheiro Ferreira Pinto Basto e Emilio Centeno Infante da Camara.

Casamentos

Na capela da igreja do Campo Grande realizou-se no dia 12 do corrente o casamento da senhora D. Ana de Lencastre Corte Real com o sr. Dagoberto de Melo Mourão Garcês Palha. Serviram de madrinhas as senhoras condessas de S. Januario, mãe da noiva, e D. Maria Teresa Correia Ornelas de Matos e de padrinhos os srs. Americo da Costa Leme e Armando de Melo Mourão Garcês Palha, irmão do noivo.

Celebrou o acto o rev. Caldeira, findo o qual foi servido na residencia da mãe da noiva um fino «lunch», seguindo os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—No sabado passado efectuou-se na capela particular da residencia da senhora D. Elisa Lozada do Prado, tia da noiva, o casamento da senhora D. Maria de los Dolores Goyanes Lozada, interessante filha da senhora D. Consuelo Lozada y Prado Goyanes e do sr. D. Emilio Goyanes, com o sr. Jorge Henrique dos Santos Machado, filho da senhora D. Maria da Gloria dos Santos Machado e do sr. Mariano Machado. Serviram de padrinhos por parte da noiva a senhora D. Irene Coelho e o sr. dr. Antonio Luís Coelho, senador do Estado brasileiro, ambos actualmente no Pará, que se fizeram representar respectivamente pela senhora D. Palmira Guimarães e pelo sr. Antonio Machado Guimarães, e por parte do noivo a senhora D. Ester Machado, irmã do noivo e o sr. Jorge Monctzuma. Celebrou o acto o rev. prior da freguesia do Sagrado Coração de Jesus, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Findo o acto religioso foi servido na sala de jantar da residencia um finissimo «lunch», fornecido pela acreditada «patisserie Garrett».

Os noivos partiram para o Estoril onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Pontos de reunião

No Politeama

De dia para dia vai aumentando o entusiasmo pelas recitas da notavel acriz D. Lucilia Simões com a lindissima peça «Uma mulher sem importancia» em que o seu incontestavel talento tanto se evidencia. Ontem recordamos ter ali visto, entre outras, as senhoras:

Marquesa de Sagres, D. Elisa Santiago Barjona de Freitas, D. Berta Mauperrin Basilio Castelbranco, D. Luisa de Seixas e filha D. Maria Luisa; D. Amelia Lencastre Laboreiro de Sousa e Meneses, D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas D. Lucilia e D. Ester; D. Guiomar Maria de Lacerda Ferreira Pinto Basto de Sousa e Meneses, D. Dolores Brandão, D. [illegible], D. [illegible], D. Maria Fernanda de Castro e Quadros, mesdemoiselles Castro, etc., etc.

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á recita da moda de sabado:

Condessas de Vil'Alva e da Ervideira, viscondessa de Marco e filha D. Maria Adelaide; D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Maria Augusta de Vasconcelos e Sá Guerreiro, Nuno e filhas D. Maria Luiza e D. Maria de Lourdes; D. Eulalia de Sampaio de Melo e Castro e filha D. Maria; D. Maria Tereza Correia Ornelas de Matos, D. Maria Amelia Aires de Campos de Barros Moreira, D. Maria Fernanda Baptista de Melo [illegible], D. Candida Aires de Magalhães, madame Castro Seixas, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Ferreira, D. Laura Machado Vieira, D. Georgina e D. Maria Satrustigui Padilla, D. Carmen Satrustigui, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Barral Filipe Barradas, D. Mary Anahory Pinto, D. Victoria Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Vera Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Rosa Caldeira Coelho Futcher Pereira, D. Ana de Lencastre Corte Real Mourão Garcez Palha, D. Eliza Plantier Dias Costa, D. Luisa da Fonseca e filha D. Maria Luisa, mesdemoiseles Freitas e Silva, etc. etc.

Agenda

A nossa «elite» dá «rendez-vous» ámanhã nas recitas da moda nos teatros Nacional e Politeama, onde respectivamente se representam as peças «D. Afonso VI» pela ultima vez e «Uma mulher sem importancia» e na «soirée» da moda do Cinema Condes, que hoje inaugura a sua epoca de inverno.

Em viagem

Partiu ontem novamente para a sua quinta da Sobreira, perto de Coimbra, onde se encontra seu irmão o sr. dr. Antonio de Aguiar, o sr. dr. Mario de Aguiar.

—Com seus filhos, regressou de Cascais a senhora D. Maria de Lencastre de Araujo Gil de Macedo e Menezes,

—Estão em Lisboa, vindos da Figueira da Foz, os srs. dr. Ernesto Gomes Tomé e Abilio Aguas.

—Acompanhado de sua esposa e gentis filhas regressou á sua casa em Lisboa o sr. dr. Carlos Caldeira de Pina Machado.

—Da Figueira da Foz, regressou a Lisboa, o sr. Fernando Trincão.

CARTAZ

S. Carlos — A's 21 — Não há espectaculo.
Nacional — A's 21 — «D. Afonso VI».
S. Luís — A's 21 — «Duqueza do Bal-Tabarin».
Politeama — A's 21,15 — «Uma mulher sem importancia».
Avenida — A's 21,15 — «Uma viagem á China».
Apolo — A's 21,15 — «Gato por Lebre».
Chiado Terrasse — A's 21 — «O conselho da noite».
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Pau de dois bicos».
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios — A's 21,45 — Grande companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «A dama das Camelias».
Teatro dos Anjos — A's 21,30 — Quintas, sabados e domingos — «O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).